

Uma apresentação iconográfica dos rituais religiosos/culturais Terena na Aldeia Buriti, MS

A iconographic representation of religious/cultural rituals in Terena Buriti Village, MS

Eder Alcântara Oliveira¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v0i30.394>

Resumo: Por meio de fotografias registradas no cotidiano dos Terena da Aldeia 'Buriti' do município de Dois Irmãos do Buriti, no estado de Mato Grosso do Sul, e de um trabalho etnográfico na aldeia onde nasci e vivo até hoje, propus contar um pouco da história e significados destas manifestações culturais e religiosas que permanecem na aldeia. O Xamanismo é o ritual ao qual a comunidade recorre em busca de energias benéficas e também a partir do qual a comunidade recebe a proteção de seus ancestrais. Além da presença da religião tradicional, a devoção ao novo credo lhes trouxe a fé no santo adotado pela comunidade: São Sebastião, o qual festejam e pagam suas promessas todos os anos em data festiva. Toda a prática da tradição Terena define ser este um povo que preserva suas raízes, mesmo adotando os valores culturais de fora. Por meio deste sincretismo, os Terena da Aldeia Buriti vêm resignificando a sua cultura de forma a mantê-la.

Palavras-chave: religiosidade; xamanismo; tradição.

Abstract: Through recorded photos in the daily lives of Terena from 'Buriti' Village, in Dois Irmãos do Buriti municipality, Mato Grosso do Sul state, as well in ethnographic work in the village where I was born and live since then, I proposed to tell about the story and cultural and religious manifestation meanings that remain there. The Shamanism is a ritual that the community appeals to get beneficial energy and also receives protection of their ancestors. Besides their traditional religion, devotion to new belief has brought them faith in the holy adopted by community: San Sebastian, who they celebrate and pay promises every year in festive day. All Terena tradition practices demonstrate they preserves their origins, in spite of cultural values from outside. Through the syncretism, the Terena from this village are reframing their culture in order to keep it.

Key words: religiosity; shamanism; tradition.

Sobre o autor:

Eder Alcântara Oliveira: Terena da Aldeia Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti, MS. Graduado em História pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: ederburiti@gmail.com

¹ Prefeitura Municipal de Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul, Brasil.

As danças para os Terena da Aldeia Buriti são momentos festivos e de alegria, apesar de que, na dança do *Kipaé*², ou ‘dança da ema’, que representa os Terena presentes na Guerra do Brasil com o Paraguai, demonstram as estratégias que praticavam e praticam para enfrentar os inimigos.

A Guerra do Paraguai é atualmente representada pela dança *Kipaé* em uma das atividades culturais dos Terena da Aldeia Buriti. Foi denominada de “bate pau” quando os primeiros brancos chegaram a nossas aldeias e a ela assistiram. Perceberam que o ritual era acompanhado por duas fileiras de homens, e o instrumento utilizado nas mãos dos Terena eram paus. Daí então “dança do bate pau”.

Buscando informações com os anciões da comunidade, soube que essa dança nunca se chamou “bate pau” na língua nativa, mas sim *Kohixoti Kipaé*, podendo ser traduzida em português como “dança da ema”. É representada por dois grupos: os *Súkirikiono* (conhecidos como índios calmos) e os *Xúmono* (tidos como mais bravos). A dança também é composta pelo som de um tambor, instrumento feito com o couro de caça e de madeira; e o pife, instrumento de sopro feito de bambu, com som idêntico à flauta. Atualmente essa dança é apresentada por homens ou crianças, do sexo masculino, ou seja, somente os homens podem dançá-la. As mulheres possuem a sua própria dança, denominada de *Siputrena*.

As tintas que usamos são extraídas do jenipapo, carvão, cinzas e urucum, que são as cores azuis, esbranquiçada, vermelha e preta. Os colares são variados, feitos com sementes, dentes, ossos e unhas de animais. As saias são fibras resistentes e flexíveis das folhas do buriti. No princípio, essas vestimentas eram realizadas com penas de ema. No entanto, com a conscientização da necessidade da preservação da fauna e da flora, haja vista a diminuição desses recursos nos territórios ocupados por não índios, essas vestimentas foram substituídas pelas fibras do buriti.

A *dança da ema* era reconhecida como um ritual festivo dentro das aldeias para comemorar a boa caça, cerimônias de casamento, colheitas férteis etc. Nessas ocasiões, os dois grupos existentes nas comunidades, *súkirikiono* e *xúmono*, se reuniam e, caracterizados, saíam de casa em casa dançando. Levavam até o centro da aldeia, onde faziam o ritual, tudo o que tinham conseguido de importante para a comunidade e tudo que tinham conseguido de fertilidade, como produtos da roça (milho, mandioca, abóbora etc.). A partir daí, começavam a dançar, e toda a comunidade participava da cerimônia, pois era um dia de alegria e agradecimento ao pajé, quem os abençoava antes

² Dança da ema ou a dança do bate pau.

de irem à caçada e também abençoava as plantações para uma boa colheita. Assim todos viviam relacionados com a terra e a espiritualidade Terena até passarem a viver as atuais mudanças causadas no e pelo mundo dos brancos.

Na Aldeia Buriti é frequente a prática dessa dança. Seguem quase o sistema tradicional, pois esse ritual é realizado quando se consegue algo importante para o desenvolvimento da comunidade e também quando as autoridades públicas vão à aldeia (prefeitos, governadores, autoridades militares etc.). Este é um ato de agradecer o que eles trazem de melhoria para a comunidade. Outra representatividade que essa dança tem é o pós-guerra do Paraguai.

DANÇAS

Dança Kipaé



Para que os soldados paraguaios não percebessem que os Terena estavam em grande quantidade de guerreiros, eles pisavam um sobre o rastro dos outros parentes que iam à frente. Esta estratégia é encenada logo no início da dança, conhecida como *Kóho*, o *passo do jaburu*, uma ave que anda tranquilamente quase sem fazer barulho, mudando um passo por vez. Assim eram os Terena, que andavam em fileira sobre o rastro do outro, fazendo com que os paraguaios pensassem que estavam em uma única pessoa. Quando

menos os invasores esperavam, já estavam cercados pelos indígenas. Por isso, o gingado da dança, quando os homens mexem o corpo de um lado para o outro, vem mostrar quando eles eram recebidos por arma de fogo e tinham que se esquivar da artilharia inimiga.

Outra representação dos combates entre Terena e paraguaios também está apresentada na dança. Isso é feito quando os dois grupos da dança, as duas metades, começam a bater as taquaras umas com as outras. Este era o momento de luta corpo a corpo. Ocorre que a dança com o arco e flecha é descrita como a forma com que os Terena atacavam os paraguaios. Esta foi uma das maneiras utilizadas pelos anciões para explicar de um jeito prático, objetivo e direto, para que toda a comunidade da aldeia tivesse conhecimento, sobre como foi o enfrentamento dos paraguaios pelos Terena.

O *Kipaé* é relevante também para compreender os desdobramentos da guerra e os motivos de, nos dias de hoje, os Terena aldeados terem de viver em pequenas *ilhas* de terra, as reservas ou terras indígenas. Elas estão espalhadas em diversos municípios sul-mato-grossenses, como Miranda, Aquidauana, Anastácio, Sidrolândia, Dois Irmãos do Buriti, Nioaque e Dourados. Também há famílias Terena vivendo em aldeias no estado de São Paulo e Mato Grosso, localidades para onde foram levadas na primeira metade do século XX pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). E ainda há várias residindo em bairros da cidade de Campo Grande.

Dança *Siputrena*



Siputrena é a dança apresentada só pelas mulheres Terena. As mulheres dançam para homenagear os guerreiros ao chegarem após uma batalha contra o inimigo, ao retornar da caçada trazendo a carne para alimentar a família. Hoje ela é dançada para também festejar as datas importantes da comunidade, tal como a dança masculina. E também para que a sociedade *purútuye* possa entender, através da dança, que somos Terena e estamos apresentando a nossa cultura para vocês!

Veriana Alves Alcantara, de 64 anos, da etnia Terena discorre que:

Nós dançamos a *Siputrema* para mostrar a nossa cultura e ainda passar para as jovens compreender a importância da nossa cultura para a aldeia toda! Somos Terena temos que apreender tudo sobre a nossa cultura ela é como ar que respiramos, sem ela morremos!

XAMANISMO E SINCRETISMO RELIGIOSO

Semana cultural Aldeia Buriti



Os rituais de pajelança estão presentes no cotidiano da Aldeia Buriti, e as famílias os procuram para tratarem dos problemas de saúde. Na semana santa, especificamente na sexta-feira, os pajés preparam a sua tenda com uma cobertura branca, e os alicerces são pintados de cor azul e vermelho em forma de uma serpente enroscada na madeira que sustenta a tenda.

A partir das 18h, a pajé inicia os trabalhos chacoalhando o *Itaaka* (purungo) e começa a cantar na língua Terena, chamando os ancestrais para que

possam benzer todos ali presentes; após, ela começa a falar sobre o que pode acontecer na aldeia se a comunidade não estiver atenta.

Após um intervalo de aproximadamente duas horas, ela volta a bater o purungo. Passando alguns minutos os ancestrais começam a chamar um a um para ser bento, a pajé passa a pena de ema na frente e nas costas de cada um e bate o purungo. Como ela fala na língua Terena, sempre tem um intérprete para falar o que a pessoa precisa fazer para sarar ou outras recomendações para se livrar de energias ruins. Assim a xamã fica até no sábado de aleluia para encerrar os trabalhos.

Ritual de bênção



Analisando o ritual, vemos que a influência do cristianismo dentro da Aldeia Buriti fez com que a Semana Santa, que é lembrada pelos católicos pela morte de Jesus Cristo, fosse absorvida pelo xamanismo fazendo parte da cultura Terena, na qual, nesse dia, a xamã ou a pajé traz a cura e as recomendações dadas pelos ancestrais.

Nesse processo de incorporação do protestantismo e catolicismo, o xamanismo na Aldeia Buriti sobrevive e se relaciona com as outras crenças, principalmente nas horas em que a comunidade passa por momentos difíceis, como a luta pela terra tradicional. Nesse momento, todos se reúnem em forma de círculo, e cada um reza da sua forma antes de os guerreiros irem para a retomada.

Na Aldeia Buriti, há mais de 80 anos, é realizada a festa de São Sebastião. E faz parte da cultura Terena, na qual todas as famílias vivem e respiram São Sebastião, considerando-o o protetor da Aldeia Buriti.

Essa festa foi motivada por uma graça alcançada - por conta de uma epidemia de febre amarela - pelo senhor José Bernardo, que era muito res-

peitado por ser um grande pajé. Segundo contou sua neta, a professora Eva Fernandes Bernardo Farias:

O meu avô José Bernardo fez uma promessa a São Sebastião que, se acabasse a epidemia, ele faria uma festa todos os anos no dia 19 de janeiro em sua homenagem. A febre amarela foi embora, os Terena ficaram livres. A partir do ano de 1928, a festa de São Sebastião começou, hoje está com 83 anos e meu pai Juscelino Bernardo Figueiredo, filho do José Bernardo, que comanda a Festa de São Sebastião e quando ele for será nós os filhos que daremos continuidade.

A partir da promessa atendida do senhor José Bernardo, todos os Terena da aldeia passaram a participar da festa e também a pedir bênçãos e agradecer os benefícios recebidos. Isso confirma a fé que os Terena da Aldeia Buriti têm em São Sebastião; todos são devotos a ele, fazendo promessas e, se alcançada a graça, eles pagam na festa de São Sebastião quando a bandeira passa em suas casas.

Festa de São Sebastião na Aldeia Buriti



A foto acima demonstra a saída da bandeira de São Sebastião do interior da casa de uma família Terena, todos estão de joelhos agradecendo o ano que passou e pedindo graças, saúde prosperidade para o ano que está se iniciando. Os pedidos são com fé e emoção, pois todos choram quando a bandeira entra e sai das suas respectivas casas.

No semblante das mulheres, principalmente as que estão com as bandeiras, o choro de emoção por estar quase no fim da festa. Ainda se nota a quantidade significativa das pessoas seguindo a bandeira com muita fé e devoção.

Festa de São Sebastião na Aldeia Buriti



Os Terena da Aldeia Buriti são devotos de São Sebastião. E, na foto acima, na porta da Capela que recebe o nome do santo, estão Juscelino Figueiredo Bernardo e sua esposa Celina Fernandes Bernardo, responsáveis pela parte religiosa da festa de São Sebastião.

Observa-se, também, uma família Terena devota, de joelhos na porta da capela esperando a chegada da bandeira de São Sebastião, para que eles possam agradecer as graças recebidas durante o ano e pedir proteção e prosperidade para o ano que se inicia.

Festa de São Sebastião na Aldeia Buriti



Vê-se também na mesma imagem que um casal de jovens Terena com seu filho no colo sai de joelho da porta da capela de São Sebastião ao encontro da bandeira com a imagem do Santo em agradecimento pelas graças concedidas.

Nota-se, ao chegar a bandeira de São Sebastião à Capela, a multidão de devotos atrás, e os semblantes tristes das pessoas, porque a bandeira vai se recolher na capela. Os Terena ficam emotivos nesse período da festa, pois tudo em suas vidas está sendo pedido, e também agradecem para São Sebastião: uma boa roça, trabalho, saúde etc. Os Terena da Aldeia Buriti vivem o cotidiano em função das graças de São Sebastião.

Após o recolhimento da bandeira de São Sebastião, é servido um jantar farto para toda a comunidade e convidados, logo em seguida sai a procissão com a imagem de São Sebastião. Aqueles que carregam o andor são os que foram beneficiados em suas promessas ou aqueles que fizeram a promessa e acham que, carregando o andor, também serão beneficiados. São Sebastião faz parte do cotidiano da Aldeia Buriti.

CONCLUSÃO

Ao longo da sua historiografia, os Terena, entre contatos intensos com os *purútuye*, jamais abandonaram a sua tradição. Do contrário, a sua crença,

a sua religiosidade, as suas danças típicas não fariam parte em seu cotidiano em aldeia.

Apesar da forte presença do cristianismo (catolicismo e protestantismo) na Aldeia Buriti, seus devotos persistem a prática do remediar e cuidar de sua espiritualidade dentro da sua religiosidade tradicional, o xamanismo. O adotar o catolicismo jamais os levou ao abandono de estarem participando dos momentos de realização do *Ohókoti-xamanismo* por meio dos rituais feitos pelos purungueiros.

Vale ressaltar o importante papel que o xamanismo exerce no teor da comunidade, pois é dela que também vêm as forças benéficas em poder lutar e permanecer lutando pelo seu território tradicional. A terra para o Terena é um bem incondicional, é a fonte da sobrevivência para a reprodução física e cultural do povo.

As danças típicas dos homens (*kipaéxoti*) e das mulheres (*siputrena*) formam um elo entre a tradição e a comunidade, de forma a preponderar como elemento cultural coercitivo. Tido como coercitivo, pois é nesse espaço que há a presença de toda a esfera, seja política ou religiosa, todos festejam em comunhão em prol aos benefícios obtidos ao longo do tempo.

A preservação da tradição das danças demonstra os períodos remotos importantes, a contar dos conflitos intertribais até a Guerra do Paraguai. É a partir da exposição das danças que os troncos velhos repassam a história de nossos ancestrais e sua participação como peça fundamental na preservação do território brasileiro durante o conflito sangrento da Tríplice Aliança. Daí a presença da história oral e a presença importante e uso da memória como ato de preservação de sua história, tradição e tudo que envolve a cultura Terena da Aldeia Buriti.